

A CONSTRUÇÃO AUTOBIOGRÁFICA EM OITEIRO – MEMÓRIAS DE UMA SINHÁ MOÇA

Gercleide Gomes da Silva (UFRN)
gercleide@hotmail.com

RESUMO

O objetivo deste trabalho é apresentar uma leitura do livro *Oiteiro: memórias de uma sinhá-moça* (1958), da escritora Magdalena Antunes, situado no contexto da literatura brasileira do Rio Grande do Norte. A intenção é perceber os traços autobiográficos existentes na obra em estudo e demonstrar a ressignificação das memórias de infância e adolescência da autora, pois, mesmo se tratando de uma narrativa memorialística, podemos perceber traços marcantes no que se refere à história da sociedade, evidenciando a cultura popular na qual o romance está contextualizado e confirmar que a literatura nos possibilita uma humanização.

Palavras-chave: Memória. Autobiografia. Magdalena Antunes.

1. Introdução

O enredo do romance *Oiteiro: Memórias de uma Sinhá-Moça*, que apresenta Magdalena Antunes²⁹, na cidade de Ceará-Mirim (RN), marcado economicamente pela riqueza açucareira no século XIX e XX e as transformações no contexto histórico e social do Brasil ao longo desse

²⁹ Maria Magdalena Antunes Pereira (19880 – 1959), nasceu na Cidade de Ceará Mirim (RN), no Engenho Oiteiro. Era membro de uma importante família da região, filha do Coronel José Antunes de Oliveira e Joana Soares de Oliveira e irmã dos poetas Etelvina e Juvenal Antunes. Oriunda de uma família de poetas, cresceu no meio a sarau e encontros com intelectuais que sua família proporcionava no vale do Ceará-Mirim. Prestou colaboração ao jornal: O Ceará-Mirim, em 1912, assinado as cartas publicadas com os pseudônimos de Corália Floresta e Hortência. Publica o seu único livro *Oiteiro: memórias de uma Sinhá-Moça*, em 1958, momento esse que poucas mulheres participavam da vida literária brasileira e em 2003 essa obra foi relançada em uma coletânea com obras de autores do Rio Grande do Norte.

período. O romance se passa desde o período da Lei Áurea contemplando a crise açucareira na qual o nosso país vivenciou até o início dos anos 30.

De início encontramos a protagonista, Magdalena Antunes, na sua primeira infância, narrando as suas inquietações sobre o letramento em sua vida; posteriormente, a trajetória no colégio interno em Recife/PE e o seu regresso a cidade de origem. Oriunda de uma família tradicional e de posses do interior do Estado, a autora narra suas reminiscências através de vinte e sete capítulos ao longo de toda a sua obra. O leitor toma conhecimento de várias narrativas evidenciando aspectos sociais, históricos e culturais no qual a escritora estava inserida. À medida que as memórias surgem, a narradora-personagem apresenta as paisagens dos engenhos açucareiros, os lugares de socialização, as feiras, igrejas; enfim, a dinâmica das cidades onde ela viveu momentos significativos.

Dessarte, este trabalho pretende apresentar uma leitura do livro *Oiteiro: Memórias de uma Sinhá-Moça*, situado no contexto da literatura brasileira do Rio Grande do Norte. A intenção é perceber os traços autobiográficos existentes na obra em estudo e demonstrar a ressignificação das memórias de infância e adolescente da autora evidenciando a cultura popular na qual o romance está contextualizado. O título da obra *Oiteiro* é uma forma de homenagear a árvore do oitizeiro que havia na frente da casa-grande da família, lugar este que guarda grandes recordações.

Os fatos encontrados na obra de Antunes são fatos corriqueiros, mas que nos possibilitam imaginar e refletir sobre a trajetória de vida da autora delineando uma obra autobiográfica e memorialística. *Oiteiro* é comparado por Câmara Cascudo ao livro de uma outra autora feminina contemporânea de Madalena Antunes, *Minha Vida de Menina*, de Helena Morley³⁰:

Há dias falei sobre a raridade dos livros de memórias do Brasil. Dificéis de encontrar entre os homens, não conheço muitos volumes de reminiscências escritos por mão feminina. Helena Morley creio ser uma exceção ilustre, com a deliciosa *Minha Vida de Menina*.

Nós, do Rio Grande do Norte, teremos a honra de lavrar um tento, adiantando a Rainha do tabuleiro de xadrez. Vamos ter um volume de recordações, histórias de uma nobre, tranquila e doce vida de sinhá moça brasileira, mãe e avó, criada em engenho de açúcar, com mãe preta, educada em colégio do Recife, plantando sua casa nos ritos da aristocracia rural do Ceará-Mirim. Dona Magdalena Antunes Pereira está terminando seu livro de reminiscências. (ANTUNES, 2003, p. 19)

³⁰ Pseudônimo de Alice Dayrell Caldeira Brant.

Ambos os livros são desenvolvidos de forma a contemplar desde aspectos autobiográficos e memorialísticos que marcaram a história das suas vidas e regiões.

2. *A voz da memória*

De acordo com Brandão (2008, p. 19), memória é “à faculdade de lembrar e de conservar o passado e, também aos relatos que descrevem esse passado (re)vivido, pressupondo, assim, um narrador.” Esse tipo de definição pode ser facilmente identificado na obra de Antunes (2003), pois na sua obra ela revive os momentos passados. Dessa forma, Magdalena escreve seu texto em primeira pessoa, porém, é válido lembrar que esse fato não faz da sua literatura algo inferior, pois a memória tem uma dimensão coletiva, e a escritora sabe envolver o público com as suas inquietações e incertezas perante as agruras da vida.

Em seu romance, os leitores são convidados a fazer um pacto com a autora e suas narrativas. É difícil o leitor resistir aos encantamentos das reminiscências da Sinhá-Moça, devido à forma carinhosa que ela relata as escravas Tonha e Patuca, a trajetória ao colégio interno, as férias no velho oitizeiro, a falência dos engenhos e ao sacrifício da família em decidir continuar com os filhos no colégio interno mesmo com a crise que se instalou nas terras potiguares; enfim, acabamos envolvidos por essas lembranças. Nessa perspectiva, o romance vai apresentando o processo de mudança ocorrido na história brasileira.

Durante algum tempo, a autobiografia era pouco estudada nos meios acadêmicos e escolares; no entanto, a escrita de cunho autobiográfico ganhou um espaço no final do século XX, passando a ter estudos relacionados a esse gênero literário no meio acadêmico. Porém, acompanhado de algumas ressalvas, por se tratar muitas vezes, de diários, textos memorialísticos, cartas etc.

Compreendemos como autobiográfico, segundo *Lejaune* “obra literária, romance, poema, tratado filosófico etc., cujo autor teve a intenção, secreta ou confessa, de contar sua vida, de expor seus pensamentos ou de expressar seus sentimentos.” (2008, p. 53). Percebe-se essa intenção na obra de Magdalena devido à própria autora ser a narradora-personagem e em todo o seu texto ela expor os seus sentimentos e pensamentos. Para ficar clara a relação existente entre essas duas palavras: memória e autobiografia, utilizaremos o que explica *Lejeune* (2008, p.

53), que preconiza que o primeiro pode se referir a fatos alheios ao narrador, mas com exatidão dos fatos citados; já o segundo, sendo uma confissão, pode referir-se a qualquer texto em que o autor expressa sua vida e sentimentos. Como anteriormente citado, as memórias da Sinhá compartilham essa ideia exemplificada pela trajetória narrada em sua obra.

Podemos encontrar os aspectos do pacto-autobiográfico e memorialísticos já no início do romance *Oiteiro*, onde começa com a autora, ainda criança, contemplando a aurora da sua vida. A narrativa tem início com o capítulo intitulado de “*Reminiscências*”, narra o seu primeiro dia de escola que coincide com seu aniversário de sete anos de idade:

No outono da vida, recordar a infância é abrir pontos de luz na estrada abandonada do passado. Guardo com devoção a lembrança do meu primeiro dia de escola. [...] Estávamos no *Oiteiro*. A folhinha pregada à parede da vasta sala de jantar marcava 25 de maio de 1887, dia do meu aniversário. (ANTUNES, 2003, p. 29)

Percebe-se que a narrativa é feita em primeira pessoa e que há certa nostalgia nas palavras escolhidas pela narradora: “recordar a infância é abrir pontos de luz na estrada abandonada do passado”, confirmando o que *Lejeune* (2008) afirmou anteriormente.

O processo de ida à escola marcou a trajetória de vida da romancista. Existia um número pequeno de escolas, e a população da época não acreditava muito no que os colégios tinham a oferecer. Dessa maneira, os estudantes, em sua maioria, eram de famílias mais abastadas e, em muitos casos, eram contratados preceptores³¹, do mesmo sexo que os alunos, para lecionar em suas casas. Tanto Antunes quanto seus irmãos recebiam as lições assim.

No capítulo denominado “*O estudo*”, desabafa:

Por muito tempo ainda, fui a maior preocupação de meus pais, por não ter amor ao estudo. Em casa diziam que, se quisessem esconder uma coisa de mim, guardassem dentro dos meus livros...

Quando à noite, meu pai chegava do engenho e pedia as lições, todos se saíam bem, menos eu, a mais velha da “escola”, que era composta por mim e de meus irmãos. (ANTUNES, 2003, p. 37.)

Aos onze anos nossa personagem continuava sendo a mais atrasada da aula, devido a sua falta de apreço aos estudos. Cita, “*O estudo*”

³¹ A palavra preceptor pode ser utilizada também para designar a pessoa incumbida de acompanhar e orientar a educação de uma criança ou de um adolescente, mais comumente em internatos.

Um dia concebi o plano de apresentar todos os dias a mesma escrita, à hora da aula. A escrita tinha de ser copiada de traslado feito a capricho pelo professor da cidade “seu” Duarte. Quem tinha sua escola pedia ao “mestre” um traslado que ele, bondosamente, fornecia. Naquele tempo a caligrafia valia mais do que a sintaxe e a ortografia. Como o traslado não tinha data a escrita também não. [...] Posto em execução meu plano, nunca mais peguei da pena para fazer uma escrita. Apresentando na aula, a mesma, todos os dias... O ardil, porém foi descoberto. [...] Censurada, abertamente, fui condenada a entrar para um colégio. (ANTUNES, 2003, p. 42)

Essa façanha da autora fez com que a mesma fosse para um colégio interno em Recife/PE. Os pais enviavam os filhos para estudar em escolas mais especializadas, onde a educação oferecida não compreendia apenas ensinar a ler e a escrever, mas também aspectos sobre cultura e comportamentos sociais. A mulher, nessa época, precisava saber bordar, cozinhar e se portar de maneira adequada em uma sociedade ainda patriarcal; porém, eram poucos os pais que enviavam as filhas para estudar porque isso era um privilégio, nessa época, apenas para os homens. Compreende-se que os traços autobiográficos surgem a cada instante e, de acordo com *Lejeune* (2008, p. 15), “Para que haja autobiografia (e, numa perspectiva mais geral, literatura íntima), é preciso que haja relação de identidade entre o *autor*, o *narrador* e o *personagem*”, fato que se percebe em toda a obra da autora. Deste modo, temos em *Oiteiro* um romance memorialístico de cunho autobiográfico clássico (autodiegético). Notam-se ali as marcas textuais em que o uso da primeira pessoa prevalece.

Ainda na tenção do letramento literário da autora, Antunes narra com presteza o momento da sua partida ao colégio interno, “*A partida*”,

A casa acordou toda de uma vez. Houve rebuliço de abrir e fechar de malas. A negra Virginia coava o café na cozinha e os cavalos já selados escaravam a areia no pátio da casa. [...]

As despedidas foram penosas. Os meninos, agarrados às saias de minha mãe, não a queriam deixar. Meu pai separou-os, cordialmente, e mostrando-se alegre, dizia:

– Voltaremos dentro de um mês; são poucos dias, apenas; é só internar a menina e toca pra casa. [...]

Aquelas palavras apunhalavam-me. Todos voltariam, menos eu! Que horror! (ANTUNES, 2003, p. 46-47)

É interessante destacar que, por ser a mais velha, Magdalena Antunes foi a primeira a sair de casa para estudar e morar fora do seio da família, e seus irmãos mais jovens só iriam pouco tempo depois. Mas todos tiveram oportunidade de estudar em escolas de referência, dessa ma-

neira, parte do pressuposto que a família da autora acreditava que as pessoas se tornavam melhores com uma boa educação.

Todavia, o que podemos perceber nessa narrativa, como cita Gurgel, são situações vivenciadas pela escritora nas mais diversas relações sociais, incluindo momentos com as escravas Tonha e Patuca:

Como conheci a Patuca? No alvorecer da minha primeira infância, guiando-me os incertos passos com entranhada dedicação.

Penteava-me os cabelos, vestia-me com esmero, zelava pelo meu asseio corporal, cuidava da higiene alimentar e foram sem contar as noites passadas em claro, quando eu, doente, embalando-me o punho da rede, sonolenta, cantarolava, maviosa:

“Dorme, filhinha,
Que eu tenho que fazer
Vou engomar, vou costurar
Camisinha pra você
Ah!... Ah!... Ah!... É... É... É...”

(ANTUNES, 2003. p. 75)

A oralidade é muito presente nas memórias da Sinhá, pois a todo instante quando relembra algo, deparamos com uma nova cantiga. Essa canção faz parte das várias manifestações culturais que a autora vivenciou com suas amas. Fica clara a importância para a formação literária da Sinhá, a presença delas, porque Patuca sempre contava diversas histórias de Trancoso como a da “Moura Torta”, a do “Príncipe encantado” e a da “Maria Borradeira”.

As histórias de Trancoso são conhecidas popularmente como as lendas e credices de um povo, que eram passadas de pais para filhos e percorriam várias gerações. Acredita-se que sejam oriundas de um português do século XVI chamado Gonçalo Fernandes Trancoso. Seus contos foram trazidos para o Brasil pelo Padre Antônio Vieira.

Percebemos momentos da memória da sociedade apresentada em suas narrativas, como a passagem em que a autora nos dá a conhecer sobre a ansiedade dos escravos ao ouvirem as novidades acerca da Abolição da Escravatura. Com a aproximação do dia 13 de maio, os rumores aumentavam e eles se enchiam de esperanças:

Os negros mostravam-se nas senzalas vizinhas com semblantes alegres, refletindo o que confusamente ouviam pelos cafés, no mercado da cidade [...] Repetiam decorados trechos dos jornais e panfletos espalhados pela cidade.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

Falavam de homem chamados José do Patrocínio, Joaquim Nabuco e principalmente um poeta, Castro Alves, todos falando e escrevendo a favor dos escravos! (ANTUNES, 2003, p. 96)

O fragmento acima é um dos mais representativos no que se refere à escravidão, porque demonstra o sentimento de felicidade dos negros com a possibilidade de uma libertação. Outro fato é que, mesmo os negros não sabendo exatamente quem seria José do Patrocínio, Joaquim Nabuco e Castro Alves, eles ficavam esperançosos com o que essas personalidades andavam dizendo pelos lugares em defesa da libertação dos escravos.

Essas imagens são construídas ao longo de toda a narrativa, onde a personagem vai traçando o caminho que percorreu ao longo da sua trajetória e nos apresentando a sociedade na qual está a nossa história.

As narrativas presentes em *Oiteiro* são memórias autobiográficas; porém, não podemos negar a contribuição cultural e social que, ao escrever o livro, a autora deixa de herança para o nosso estado. Claro que devemos fazer algumas ressalvas, Brandão (2008):

Nos estudos que têm como base as narrativas individuais, é preciso ficar atento às várias camadas de recordações, que se acumulam ao longo do tempo, e a pluralidades “de versões sobre o passado [...] a postura de atenção sensível à narrativa torna clara a relação entre reminiscências pessoais e memória coletiva, entre memória e identidade, e entre memória e história. (BRANDÃO, 2008, p. 39)

Essas reflexões são necessárias devido às múltiplas lembranças que são contadas no decorrer do livro. Percebe-se um processo de rememoração ao longo de toda a obra e, de acordo com Brandão (2008), essas lembranças só retornam porque elas já passaram pelos passos necessários para se tornarem aprendizagem. Brandão (2008, p. 9) expõe: “Tudo o que afeta nossos sentidos é reelaborado e pode ser transformado em aprendizagem e, posteriormente, em memórias”.

Ele ainda cita três passos para esse processo acontecer com sucesso: o primeiro está no campo do recebimento das informações; o segundo diz que esses elementos são armazenados, codificados, estruturados em diferentes áreas e, por fim, a recuperação dessas informações em lembranças permanentes e passíveis de recuperação. O motivo de essas memórias voltarem a todo instante se deve ao valor emocional atribuído a elas. Pois, como podemos perceber na citação abaixo, os sentimentos são extremamente importantes para lembrarmos ou esquecermos.

Podemos destacar um outro aspecto: sem necessidade, motivação, interesse, ou afeto por diferentes fatores externos, e que envolvem níveis variados de emoção, o processo de conhecimento fica incompleto. O que nos é indiferente, ou que não mobiliza nossos desejos e sentimentos, pode não ser incorporado como conhecimento e, aprendido, não fica consolidado e, portanto não se transforma em memória de longa duração. Nesse sentido, podemos pensar que fica gravado o que teve significado, [...]. (BRANDÃO, 2008, p. 10)

Compreende-se que, na obra *Oiteiro*, fica claro essa variedade de sentimentos, porque são encontradas diversas emoções entrelaçadas no romance.

3. *Algumas considerações*

Ao analisarmos a diversidade de acontecimentos presentes no romance de Magdalena Antunes, observamos o quanto a sua obra é rica e cheia de detalhes nos revelando tensões individuais e sociais que refletem na memória coletiva da sociedade. A autora faz uso de uma linguagem simples; porém, carregada de sentimentos e lembranças que nos conduzem inevitavelmente a nos emocionarmos com essa leitura. Observa-se durante toda a narrativa, que a autora narra acontecimentos passados e os misturam aos sentimentos do momento da escrita, que acontece algum tempo depois.

Não é objetivo desse artigo apresentar conclusões completas acerca da obra *Oiteiro*, entretanto, podemos sugerir alguns aspectos que provavelmente serão apresentados em pesquisas futuras. Visto que existem vários direcionamentos para os quais o romance aponta.

Temos um dos principais estudiosos da literatura do Rio Grande do Norte, Tarcísio Gurgel³², destacando a importância do romance de Antunes:

Revela-se aquela que se tornaria a mais importante memorialística, potiguar, aí incluída também a contribuição masculina. Esta afirmativa se justifica pela análise dessa obra enquanto transcendência do registro meramente biográfico. E seu livro como nenhum outro gênero, em nossa literatura revela-se, em vários trechos, como ótima e, em muitos outros, como excelente literatura. Como uma atenta observadora do universo marcado pelo fausto da cultura ca-

³² Graduado em Comunicação Social pela UFRN; tem Mestrado em Literatura pela PUC-RIO e Doutorado em Estudos da Linguagem pelo Programa em Pós-Graduação em Estudos de Linguagem da UFRN; ex-professor no Departamento de Letras UFRN, lecionou Literatura Potiguar. Já publicou os livros "Os de Macatuba"; "O Eterno Paraíso"; "Conto por Conto" (contos); "Pai, Filhos, Espírito da Coisa"; "Informação da Literatura Potiguar" e "Introdução à Cultura do Rio Grande do Norte".

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

navieira, refletida no poderio de alguns Senhores de Engenho, na incomparável beleza do vale, no romantismo das sinhazinhas [...]. (GURGEL, 2001, p. 113)

Nesse aspecto, cumprimos com o nosso objetivo que era demonstrar as contribuições da obra de Magdalena Antunes para a nossa sociedade: cultura, família, onde suas narrativas nos possibilitam enxergar a literatura como forma de humanização.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMORIM, Marcelo da Silva. *Autobiografia e autodidatismo no projeto literário de Graciliano Ramos*. Natal: Edufrn, 2012.

ANTUNES, Magdalena. *Oiteiro: memórias de uma sinhá-moça*. 2. ed. Natal: A. S. Editores, 2003.

BURKER, Peter; LOPES, Magda. *A escrita da história: novas perspectivas*. São Paulo: Unesp, 2011.

CANDIDO, Antonio. O direito à literatura. In: _____. *Vários escritos*. 4. ed. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul; São Paulo: Duas Cidades, 2004, p. 169-191.

DUARTE, Constância Lima; MACEDO, Diva Cunha P. (Orgs.). *Literatura do Rio Grande do Norte: antologia*. 2. ed. Natal: Fundação José Augusto/Governo do Estado do Rio Grande do Norte, 2000.

_____; _____. (Orgs.). *Escritoras do Rio Grande do Norte: antologia*. 2. ed. Natal: Jovens Escribas, 2013.

GURGEL, Tarcísio. *Informação da literatura potiguar*. Natal: Argos, 2001.

IMBURANA – *Revista do Núcleo Câmara Cascudo de Estudos Norte-Rio-Grandenses/UFRN*, n. 1, fev. 2010.

LEJEUNE, Philippe. *O pacto autobiográfico*. Belo Horizonte: UFMG, 2008.